REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 288

21 DE DEZEMBRO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA, L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Os *Pescadores de Perolas*, opera de Bizet que a empreza de S. Carlos apresentou ha dias ao publico de Lisboa teve um merecido e justo *successo*, e muito maior esse *successo* seria se a opera tivesse começado pelo terceiro acto e acabado pelo primeiro, o que no fim de contas não prejudicaria muito o poema, que é tão futil, tão disparatado, que póde principiar e acabar por onde quizerem.

O primeiro acto dos *Pescadores de Perolas* é uma verdadeira preciosidade artistica, uma joia do mais alto valor, uma estreia em que se sente logo *la griffe du maitre*.

O segundo acto, de menos valor para a critica do que o primeiro acto, mas de mais effeito theatral do que elle, é tambem um bello acto *d'opera comique*, que justifica bem a promoção que os *Pecheurs de Perles* tiveram depois da morte de Bizet a grande opera; o terceiro acto é banal, d'uma trivialidade pobrissima que destoa tanto de toda a obra musical do genial auctor da *Carmen*, que difficilmente se acredita fosse feito por Bizet.

O poema, como já dissemos, é piegas, frouxo, d'um romantismo exotico, que contrasta singularmente com esse bello e audaz poema da *Carmen*, que revolucionou todo o mundo lyrico com as suas audacias á Skakspeare.

Tem toda a *coupe* d'opera comica esse libretto insignificante, e é preciso que o espectador tenha muito mau gosto e muita vontade de se interessar pelas vidas alheias, para se interessar pelos amores d'aquelle Nadir e d'aquella Leila que parecem figuras de *biscuit* para pedestal de candieiros rocócós.

E é exactamente isto uma das coisas que me faz admirar ainda mais a inspiração genial que atravessa os dois primeiros actos d'essa opera, o talento enorme, enormissimo, que poude resistir á banalidade do assumpto e conseguir fazer um bello drama lyrico d'esse namoro reles de personagens de magica pouco imaginosa.

Todo o primeiro acto dos *Pescadores de Perolas* é uma obra prima de talento expontaneo e de delicadeza artistica: tem a simplicidade magistral e graciosa dos grandes lavores classicos da mais pura escola italiana, junta ás rendilhadas phantasias caprichosas do processo musical moderno: um encanto, um verdadeiro encanto, todo esse acto de que a cupula é o duetto de tenor e de baixo, uma das paginas mais completas, mais primorosas da musica franceza contemporanea.

No segundo acto mantem-se a inspiração delicadissima do grande maestro, e se não tem a originalidade estranha do primeiro acto, tem em compensação maiores effeitos para o publico, concluindo por um concertante que dicidiu completamente do *successo* da opera.

Do terceiro acto não fallaremos; póde-se dizer d'elle o que, não me lembra quem, disse, não me lembra de quê, — o que n'elle é novo não presta, e o que presta não é novo.

O tercetto final falha completamente. O esforço do compositor denuncia-se sem conseguir o resultado a que mirava e advinha se a influencia desastrosa que o magnifico tercetto final do *Fausto*, cujo *successo* ruidoso coincidiu com a elaboração do *Pecheur de Perles*, exerceu sobre o espirito de Bizet, que parece ter comprehendido realmente que estava debaixo da impressão da musica de Gounod, que quiz fugir a ella, mas que não poude, que recorreu para isso a toda a sua sciencia musical, mas que a inspiração o abandonou, que a sua individualidade, tão poderosa em toda a sua obra, fraquejou ali, succumbiu impotente ante a reminiscencia implacavel que o atormentava.

Mas os dois primeiros actos dos *Pescadores de Perolas* são tão notaveis, d'uma delicadeza tão estranha, d'uma origidalidade tão poderosa, que bastaram para fazer um *successo* á opera de Bizet, um *successo* sobretudo para os espiritos delicados, para aquelles que comprehendem as comedias de Musset, os contos de Droz e os versos de Coppée.

O desempenho da opera de Bizet foi excellente, e para isso os seus distinctos interpretes, além dos valiosos recursos artisticos de que dispõem, tinham a ajudal-os a opera ser inteiramente nova para nós, serem elles os creadores d'esses personagens que pela primeira vez o publico de S. Carlos tinha diante de si e por tanto a ausencia absoluta de confrontos, que é um dos grandes escolhos com que luctam todos os artistas lyricos, na interpretação d'operas que todo o publico sabe de cór e tem visto representar por grande numero de artistas mais ou menos illustres.

E depois n'uma opera nova, completamente desconhecida para a maioria do publico, quasi para a sua totalidade, como era os *Pescadores de Perolas*, o publico além de não ter confrontos de interpretação a fazer, tem a sua attenção fixada principalmente na musica, que pela primeira vez se apresenta aos seus ouvidos.

Quando vae ao theatro em noite de *première* de uma opera, o espectador vae principalmente para ouvir essa opera: nas outras noites vae para ver como as operas suas conhecidas são agora desempenhadas por estes e aquelles artistas.

D'ahi vem uma grande difficuldade de interpretação para esses artistas em que se fixam todos os olhares e todas as attenções do publico, que sabendo de cór a musica que elles cantam só attendem á maneira como a cantam, como dizem, como fazem aquillo que foi feito e foi dito de tal ou tal modo pela Devriés, pela Ortolani, pela Patti, etc., e este escolho é tão grande que nem o venceu o proprio Massini, o enorme Massini, no *Spirito genti*, da *Favorita*, onde o publico estava a ouvir ainda o outro gigante que se chama Gayarre.

Comprehende-se bem por exemplo as difficuldades de desempenho que n'estes annos mais chegados apresenta para qualquer tenor e para qualquer prima dona o *Barbeiro de Sevilha*, que apresentará para o anno a qualquer cantora o papel da Gioconda a que este anno a Theodorini, uma cantora de genio, deu uma interpretação perfeitamente genial.

ANTONIO CARVALHO DA SILVA PORTO, PROFESSOR DE PINTURA DE PAYSAGEM DA REAL ACADEMIA DE BELLAS-ARTES DE LISBOA (Segundo uma photographia)

A sr.ª Bendazzi, o sr. Valero e o sr. Vidal, não tiveram que luctar com nenhumas d'estas difficuldades no desempenho dos *Pescadores de Perolas*.

É muito provavel que mesmo se houvesse lucta saissem triumphantes porque não lhes falta talento nem distinctas aptidões. Foram elles os primeiros a fixarem no espirito dos espectadores de S. Carlos, os personagens dramaticos e musicaes da opera de Bizet e se n'esse trabalho não encontraram o perigo do confronto deixaram-n'o para os que lhes succederem, porque Vidal com a grande auctoridade do seu illustre nome fixou a largos e seguros traços o seu personagem; Valero deu a Nadir todo o calor da sua voz dramatica e apaixonada; Bendazzi todo o encanto da sua gentil mocidade, toda aureolada de radiantes promettimentos.

Ao maestro Mancinelli, um dos regentes de orchestra mais notaveis que tem vindo a Lisboa, coube grande parte no bello *successo* que alcançaram entre nós os *Pescadores de perolas*, pelo esmero com que a opera estava ensaiada, pela delicadeza elegante, e alto tom artistico com que a execução foi dirigida.

Bizet é um nome que *porte bonheur* ao theatro de S. Carlos: o triumpho colossal da *Carmen* deulhe a plena confiança do publico; foi essa confiança que despertou uma enorme curiosidade em torno dos *Pescadores de perolas*, e as bellezas distinctissimas accumuladas nos dois primeiros actos d'essa opera mostraram ao publico que a sua confiança fora bem collocada.

O theatro de D. Maria teve um grande *successo* com um drama francez extrahido pelo seu auctor d'um romance interessantissimo, romance que já fizera *successo* em Lisboa ha mezes quando o *Correio da manhã* o traduziu nos seus folhetins.

Chama-se *Martyr!* esse romance e sabendo-se que o seu auctor é D'Ennery, um nome novo entre os romancistas, mas celebre entre os auctores dramaticos da França, comprehende-se o *successo* alcançado no theatro de D. Maria por essa peça.

D'Ennery é um dos mais habeis dramaturgos da França contemporanea: não é um litterato eminente, mas é um homem de theatro completo, conhecedor profundo de todos os segredos da *charpente* dramatica, de todo o processo mechanico da acção theatral.

Não vimos ainda a *Martyr* no theatro de D. Maria nem a lemos mesmo no romance, não podemos portanto dizer d'ella coisa alguma hoje, a não ser que o seu *successo* se desenha nas primeiras representações como um dos mais ruidosos *successos* theatraes d'estes ultimos annos.

E pela rasão de tambem não termos visto, não podemos fallar de tres assumptos importantes, tres nem menos! que attrahiram as attenções de Lisboa n'estes dez dias, e que nos fazem ruborisar, como ao collegial uma cabula, por termos assim faltado aos nossos deveres de chronista.

Um d'esses assumptos é a exposição de quadros do *Grupo do Leão* nas salas do *Commercio de Portugal*.

De anno para anno essa exposição é mais importante, attrahe mais as attenções de Lisboa, desenvolve entre nós o gosto pela pintura e ao mesmo tempo que vae cobrindo de gloria esse brioso grupo de artistas, vae prestando assignaladissimos serviços ás bellas artes portuguezas.

A exposição, que foi inaugurada solemnemente com a assistencia de Suas Magestades, tem sido muito concorrida, e muitas das obras expostas teem sido já adquiridas por distinctos amadores de pintura.

O OCCIDENTE occupar-se-ha largamente d'esta exposição, como é seu dever, e como tem feito com as exposições anteriores deixando nós gostosamente a palavra sobre o assumpto a pessoa muito mais competente do que nós, que mais uma vez aqui o confessamos francamente, somos absolutamente leigos em materia de pintura, de esculptura e de desenho.

O outro assumpto e de que tambem o nosso jornal se occupará detidamente n'outro logar, foi a conferencia feita pelos illustres exploradores Serpa Pinto e Cardoso na sessão solemne da Sociedade de Geographia no theatro de S. Carlos.

Essa sessão a que presidiu o sr. Barros Gomes, ministro dos estrangeiros, em substituição do sr. ministro da marinha detido em casa por um passageiro incommodo de que felizmente está já restabelecido, foi brilhantissima, segundo a informação de quantos a ella assistiram e esses quantos foram numerosos, tão numerosos, que encheram completamente a grande sala de espectaculos do theatro de S. Carlos desde o fundo do palco até ás torrinhas.

O terceiro assumpto, foi a sessão solemne da Academia Real das Sciencias em que o sr. visconde de Benalcanfor leu o elogio do fallecido presidente honorario da Academia, o augusto e chorado principe El-Rei D. Fernando.

Não ouvimos a leitura d'esse elogio, mas conhecemos d'elle varios trechos em que se accentuam brilhantemente todas as altas qualidades de talento e de estylo que elevaram o visconde de Benalcanfôr ás eminencias do nosso mundo litterario.

Apesar da chuva torrencial que no dia d'essa sessão cahiu sobre Lisboa, a sala grande da bibliotheca da Academia estava litteralmente cheia de espectadores dos mais illustres, e o trabalho do distincto academico foi victoriadissimo, sendo os primeiros a applaudil-o El-Rei D. Luiz e S. M. a Rainha a sr.ª D. Maria Pia.

Ao fecharmos esta chronica chega-nos uma noticia triste e que nos impressionou profundamente.

Depois d'um prolongado e inquisitorial soffrimento de muitos mezes falleceu a ex.ma sr.ª D. Ida Castilho, filha do illustre poeta já fallecido, o visconde de Castilho, esposa do nosso particular amigo e estimado collega o sr. Antonio de Castilho.

A fallecida era uma senhora respeitabilissima, d'um espirito brilhante, d'uma intelligencia distincta, possuindo no mais alto grao todos os elevados dons que podem aprimorar um espirito feminino.

Abraçamos silenciosamente Antonio de Castilho n'este transe angustioso para que não ha palavra de consolação que não seja uma banalidade pungente e inutil.

Gervasio Lobato.

ANTONIO CARVALHO DA SILVA PORTO

Professor da Academia de Bellas-Artes de Lisboa

A paginas 27 do oitavo volume do OCCIDENTE lê-se um artigo de critica sob o titulo *O Quarto Salão*, escripto pelo sr. Monteiro Ramalho, que é a um tempo a critica da exposição de quadros do *Grupo do Leão* e a apreciação artistica do digno professor da Academia de Bellas Artes de Lisboa, o sr. Antonio Carvalho da Silva Porto.

Aquelle artigo define bem a feição artistica do já notavel pintor, e diz da sua preferencia pela paisagem, que elle sabe colher em flagrante com a sua palheta inspirada e obdiente, quer tenha que reproduzir as paisagens do norte com a frescura suave e colorida dos campos cultivados, ou a rudeza das montanhas por onde a neve se alastra em alvos tapetes glaciaes, quer tenha que transportar para a téla o escalvado e amarellento da paisagem do sul.

É isto o que se observa nos quadros de Silva Porto, onde não ha convenção nem maneira. A natureza expande-se com todas as suas gallas, ou com todas as suas tristezas, e a escola que elle tem feito em torno de si, procura seguir-lhe as pegadas, embora um ou outro temperamento se não possa emancipar de exageros deploraveis, ou maneiras mesquinhas.

Quando em 1879 Silva Porto voltou de Paris, onde fôra completar os seus estudos de pintura, tinha fallecido o professor de pintura de paisagem da Academia de Bellas Artes de Lisboa, Thomaz José da Annunciação, e essa falta que ia deixar mais orphã ainda a pobre arte portugueza, foi proveitosamente preenchida pelo joven pintor, que, além do seu bello talento, tinha adquirido no grande centro da arte todo o conhecimento e sciencia das escolas de pintura mais reputadas.

Com este grande cabedal a sua influencia não podia deixar de se manifestar no meio desolado e triste da pintura nacional.

Cercou se de um grupo de rapazes, cheios de vontade e de talento, que bem encaminhados deviam produzir a revolução na pintura doentia da nossa escola e o primeiro revolucionario foi Silva Porto, que arrebatou com o talento e a sciencia palpitante das suas télas, toda a mocidade estudiosa que mal sustinha nas mãos a palheta insciente e acanhada.

D'ahi o *Grupo do Leão*, e á frente d'esse grupo Silva Porto.

A arte de pintura moderna principiou a ter culto no nosso meio, e o seu progressivo desenvolvimento é de anno para anno affirmado na exposição do *Grupo do Leão*, uma das mais brilhantes manifestações da arte nos nossos dias.

Escaceiam-nos dados biographicos de Silva Porto, que a modestia do artista nos occulta sobriamente, mas a falta de outros dados não é sensivel, quando o valor do artista se evidenceia de modo tão superior nas suas obras que todos conhecem e apreciam, e na inegavel influencia que tem tido no quasi renascimento da pintura entre nós.

Natural da cidade do Porto, onde nasceu a 11 de novembro de 1850, tem toda a energia dos filhos do norte, e assim o provou no laureado curso da Academia Portuense onde se matriculou em 1865.

O seu notavel aproveitamento n'esta academia durante oito annos, abriu-lhe o caminho para as escolas estrangeiras, depois de ter feito um bom concurso, e partiu para Paris, em 1873.

Em França teve por mestres Cabanel e Groseillez sendo premiado pelos seus estudos que completou em Paris, no anno de 1879.

Foi n'este anno que, como dissemos, regressou a Portugal e entrou para a Academia de Bellas-Artes de Lisboa, como professor interino de pintura de paisagem, na vaga deixada pela morte de Annunciação professor d'aquella cadeira, e passou á effectividade em 1883.

A Sociedade Promotora de Bellas-Artes em Portugal conferiu-lhe uma medalha de prata na sua penultima exposição, e em Hespanha tambem foi premiado.

As exposições de quadros do *Grupo do Leão* tem sido para Silva Porto outros tantos triumphos, pelo bom acolhimento que o publico tem feito ás suas tellas, este publico indifferente e despreocupado d'artes, que se contenta com um chromo ou com uma oleographia barata, e que resiste ao quadro com uma pertinacia com que não resiste a um bom exemplar de cão do Monte de S. Bernardo, ou a um cavallo inglez, este publico, emfim, tem feito justiça ao talento de Silva Porto, fazendo acquisição dos seus quadros, assim como dos dos mais artistas que compõem a notavel exposição do *Grupo do Leão*.

Esta victoria alcançada tão gloriosamente, é a prova mais positiva do valor de Silva Porto, que não teve que luctar contra a concorrencia enorme de um grande centro artistico, mas contra uma coisa muito mais assustadora e invencivel—a indifferença.

Na actual exposição aberta, onde cento e tantos quadros revelam a actividade e o talento de um grupo de artistas, lá avulta Silva Porto com um bom quinhão d'esses quadros, e lá sobresahe uma esplendida tella *A volta do mercado* o mais bello quadro de costumes portuguezes, que nos sorri sob este brilhante sol do Occidente, á nossa alma de peninsulares.

E querem mais biographia meus senhores?

Silva Porto está em pleno vigor da vida, e em cada dia que passa, no atelier ou nas suas excursões pelo paiz, elle lá vae em busca de novos assumptos para os seus quadros; esperem por elles, e estamos certos que serão outras tantas paginas honrosas para a arte e para o artista.

Caetano Alberto.

Edição monumental da Biblia

EM PORTUGUEZ

Linguas praguentas que desdenham de tudo quanto é portuguez, para sómente encontrarem motivo de pasmo nos productos das nações estrangeiras, constituem desgraçadamente entre nós uma demonstração frizantissima do pouco patriotismo (confessemos esta triste verdade) que de anno para anno se accentua nas relações vitaes da nossa sociedade, sempre que a critica dos ociosos mais ou menos enfatuada se propõe dar o seu *veredictum* com respeito a assumptos de arte nacional.

Felizmente, por outro lado, o incançavel enthusiasmo dos que depositam no trabalho o alvo de todos os seus esforços, e no progressivo aperfeiçoamento de suas faculdades o alvo de todas as suas aspirações, sabe gloriosamente triumphar dos ineptos que, impotentes para darem um passo no caminho do util, do bello e do bom, se desforram em cravar dentes invejosos nas tentativas de quantos assumem o patriotico encargo de honrar e engrandecer o nome portuguez entre os paizes que mais avançados marcham na vanguarda da civilisação.

Ao numero d'estes benemeritos pertencem os editores Carvalho & Pons, — dois rapazes intelligentes, illustrados e activos, que juraram tornar-se

proficuos ao seu paiz, levantando o nivel das artes graphicas a uma situação de verdadeiro esplendor.

Almas de artistas, sorriu-lhes a idéa de emprehenderem uma edição monumental que ficasse patenteando aos vindouros a valia da arte portugueza no seculo XIX, — uma edição em que a arte do desenho, a arte da gravura, e a arte da typographia, se combinassem fraternalmente e reciprocamente se completassem, produzindo um conjuncto de creações bellissimas, por maneira que Portugal mostrasse poder devéras rivalisar com as mais adeantadas nações.

E então a phantasia entrou a desdobrar-se-lhes nas idealizações mais risonhas.

Um concurso em que á porfia os desenhadores portuguezes buscassem mutuamente exceder-se no campo sacrosanto da arte, — eis o que os editores Carvalho & Pons sonharam para as illustrações do livro com que se propôem brindar a sua patria.

E logo a idéa se converteu n'uma brilhante realidade. Convidados a tomar parte n'este repto curiosissimo, deram logo sua enthusiastica acquiescencia a tão seductor projecto festejadissimos desenhadores nossos e festejadissimos gravadores, taes como Adolpho Greno, Antonio Ramalho, Caetano Alberto, Ernesto Condeixa, Heitor & Lallemant, J. Kjölner, Manuel de Macedo, Marques de Oliveira, Moreira Rato, Pedroso, e Silva Porto.

Imagina-se porventura um mais formoso conjuncto de habilissimos lapis e habilissimos burís?

É decerto a primeira vez que em Portugal nos surge obra de tão largos horisontes e de tão assignalado arrojo. Honra e louvor a quem a planeou e a quem tão primorosamente a vai executar. Alfredo de Carvalho e José Carlos da Silva Pons merecem com justissima razão os nossos mais fervorosos emboras e as nossas mais cordiaes felicitações.

Depois... para a completa realização do seu deslumbrantissimo sonho, que outro texto podiam elles escolher senão a *Biblia Sagrada*, o eterno livro da palavra de Deus?

É alli que a alma do artista mais póde expandir se á vontade em contemplação de um scenario maravilhoso.

E a *Sagrada Biblia* foi o livro escolhido. Da *Sagrada Biblia* nos andam já por ahi lindissimos prospectos annunciando e mostrando quão primorosa vai ser a edição levada a effeito por Carvalho & Pons.

A estampa que hoje illustra as paginas do OCCIDENTE, e que representa a scena biblica das varas transformadas em serpentes perante o Pharaó, constitue um especimen das 100 illustrações com que vai adornada esta monumental edição do *Velho e Novo Testamento*.

Ernesto Condeixa, o auctor da composição e do desenho, figurou a scena no momento em que a vara de Arão, transformada em cobra, devora as varas dos magicos egypcios transformadas em dragões. O desenhador, possuindo-se magistralmente do assumpto que lhe cumpria tratar, soube dar um relevo admiravel ás figuras que compõem o seu quadro, — e, artista consciencioso, não se poupou a estudos nem a investigações para que as condições de architectura, de ornamentação, de mobilia, de indumentaria, reproduzissem fielmente a epocha e o paiz em que Moysés nos descreve succedido aquelle facto miraculoso.

A impressão das gravuras e a do texto (vai n'isso implicito o seu maior elogio) é feita na afamada *Typographia Elzeviriana*, que tantos e tão merecidos creditos tem grangeado, graças á comprovada competencia do seu director technico, Alfredo de Carvalho, um dos editores da obra.

O texto latino da Vulgata acompanha pagina por pagina a traducção classica portugueza do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, — versão approvada pelo fallecido Cardeal Patriarcha D. Guilherme, e confirmada pelo actual Cardeal Patriarcha D. José, — versão que foi cuidadosamente revista pelo dr. Xavier da Cunha no firme intuito de obstar-se a que escapasse palavra alguma, cujo naturalismo pudésse molestar ouvidos melindrosos ou tornar menos propria sua leitura a pessoas de edade menor. Com a escrupulosa revisão, que o dr. Xavier da Cunha tomou a seu cargo, poderão os educadores, poderão os paes-de-familia confiar a creanças e donzellas esta monumental edição da *Biblia*, porque afoitamente se lhe poderá ficar applicando o conhecido verso do poeta francez:

La mère en permettra la lecture à sa fille.

E aqui cerramos a presente noticia, accrescentando apenas que a composição do texto em magnifico typo elzeviriano vai guarnecida por formosas guarnições chromo-typographicas, cujo desenho varía de pagina para pagina, o que representa uma verdadeira novidade em prelos portuguezes, e uma elegancia mais por que se recommenda esta faustosa edição da *Biblia Sagrada*.

Q. S.

AS NOSSAS GRAVURAS

INAUGURAÇÃO DAS OBRAS DO CAMINHO DE FERRO DE LOANDA A AMBACA

O ultimo paquete chegado de Africa trouxe-nos a grata noticia da inauguração dos trabalhos de construcção do caminho de ferro de Loanda a Ambaca, inauguração festiva, que encheu de regosijo o povo de Loanda, e que não menos nos deve alegrar a nós, pelo futuro auspicioso das nossas colonias, que tão descuradas tem sido, mas que parece entrarem em uma nova era de progresso e desenvolvimento.

Foi o sr. conselheiro Andrade Corvo que em 1877 mandou proceder aos estudos d'esta linha ferrea.

Ao sr conselheiro Pinheiro Chagas coube a gloria de concorrer tambem para este notavel melhoramento ha tanto tempo reclamado, resolvendo a construcção do referido caminho de ferro, por meio de concurso e dando todo o impulso aos trabalhos preliminares que o deviam levar á execução

No dia 31 de outubro, anniversario do nascimento de S. M. el-rei D. Luiz, celebrou-se em Loanda a ceremonia da inauguração dos trabalhos pela collocação da primeira pedra do edificio da estação principal.

Para este effeito foi armado um pavilhão proximo da egreja da Nazareth, e no local destinado ao termo do caminho de ferro, cujo pavilhão a nossa gravura representa, copiada de uma photographia enviada pelo sr. Mathias Lauer.

Assistiram á ceremonia o sr. Governador Geral, que collocou a primeira pedra do edificio, o reverendo bispo de Angola, o conselho do governo e camara municipal, engenheiro fiscal do governo, representante da companhia constructora da linha e pessoal dos trabalhos, mais auctoridades civis e militares, corpo do commercio e grande concurso de povo.

Uma força do batalhão de caçadores 2 de Africa, e outra de marinheiros da armada, fizeram a guarda de honra.

Depois da ceremonia da collocação da pedra fundamental, o sr. bispo revestido de pontifical lançou com todo o ceremonial do rito a benção sobre a futura linha ferrea, tendo sido armado para este acto um altar no pavilhão.

Alguns breves discursos pronunciados pelos srs. commendador João Burnay constructor da linha, major Antonio Duarte e Silva representante da companhia real de caminhos de ferro de Africa, e Governador Geral, terminaram enthusiasticamente esta festa do progresso, altamente significativa para a provincia de Angola, centro da civilisação da nossa Africa occidental.

FORTE DE S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ

O forte de S. João Baptista de Ajudá que a nossa gravura representa, foi mandado construir em 1680 por D. Pedro II, então regente de Portugal, sob a direcção do capitão general Bernardino Freire de Andrade governador de S. Thomé.

Foram lançados os alicerces em março de 1680 e concluida a obra em outubro do mesmo anno, sendo os materiaes empregados, devido á falta de pedra, barro amassado e terra batida.

Está collocado cerca de 8 milhas ao NE do monte da *Palavra* e a 1 1/2 milhas da lagôa com quem communicavam outr'ora os fossos, hoje meios entulhados.

A singela e fraca construcção d'este forte fez com que nunca fosse considerado como obra de defeza, mas simplesmente como uma feitoria armada para a compra de ouro e marfim em que foi empregado por largo tempo.

A egreja foi outr'ora rica em objectos de culto e em ornamentos, restando do antigo esplendor alguns paramentos velhos e as paredes caiadas.

Esteve o forte por varias vezes abandonado, ou quando muito guarnecido com um pequeno destacamento, sendo o seu commandante o governador.

Hoje, é a residencia official do governador do districto, destacamento e mais empregado, desde que se estabeleceu em Dahomet o nosso protectorado.

O NOSSO SUPPLEMENTO

OS CAMPINOS

Quadro de Silva Porto

Quando no principio d'este anno, a paginas 27 do presente volume, publicamos o artigo «O Quinto Salão» do nosso distincto collaborador o snr. Monteiro Ramalho, n'esse artigo fez o articulista a apreciação d'este quadro que chamou a attenção publica na ultima exposição de quadros do *Grupo do Leão*.

Esse quadro, era effectivamente o mais notavel que figurou n'aquella exposição, e foi logo adquirido por el-rei D. Luiz.

O quadro *Os Campinos* junta uma grande correcção de desenho, um colorido verdadeiro e justo, o que lhe dá uma realidade palpitante que só se encontra nas telas dos grandes mestres.

Na pequena galeria de quadros portuguezes, hoje enriquecida por tantos talentos, o quadro *Os Campinos* de Silva Porto tem um logar de honra como uma das producções mais notaveis do artista, e um dos mais bellos quadros da pintura moderna em Portugal.

Nós preferindo vulgarisar a arte portugueza em vez de nos pavonear-mos com a arte estrangeira, registramos com prazer mais esta notavel téla que nos revela o talento e o amor com que alguns espiritos crentes vão cultivando as Bellas-Artes no nosso paiz.

JOSÉ GOMES GOES

(Continuado do n.º 286)

Para prova do que affirmamos, damos em seguida os pontos de um concurso para official diplomatico extrahidos ao acaso, e quem os lêr dirá se é certo que poucos empregados, incluindo os de ordem superior saberiam satisfazer a elles:

1.º — Na indagação dos elementos primitivos das fontes historicas, que valor teem os factos historicos transmittidos pela tradição oral? Que conceito merecem os que são narrados nos livros impressos ou manuscriptos, avaliando escrupulosamente as circumstancias e a confiança de que são, mais ou menos, dignos os narradores ou escriptores? Na falta de tradição oral, e de escriptos, ou litterarios ou scientificos, que revelem a historia de um povo; não poderão, até certo ponto, supprir esta falta os productos artisticos, ou industriaes, que subsistam d'esse povo, e contribuisse para elucidar e applicar as idéas d'elle, seu progresso ou atraso intellectual, seus costumes, e as condições de seu viver habitual?

2.º — Podem as medalhas ser consider d is monumentos archeologicos? Dar um idéa abreviada dos variados esclarecimentos historicos, que podem ministrar as medalhas. Desde que seculo entrou a ser apreciada na Europa a importancia historica das medalhas? Não é, em grande parte devido ao estudo das medalhas a interpretação moderna dos escriptores antigos? Quaes são os caracteristicos ou distinctivos exteriores das medalhas? Em que materia ou substancia eram cunhadas as medalhas? Que importancia teem as datas inscriptas nas medalhas?

3.º — A exacta interpretação das abreviaturas nas legendas e inscripções das medalhas, é ou não um dos conhecimentos mais indispensaveis ao archeologo? Não será de grande importancia para a historia o verificar o sitio, onde as medalhas (e ainda as mais communs) foram achadas? Por que signaes se chega a distinguir e apurar se as medalhas são falsas ou se são authenticas?

4.º — Que elementos para a historia social, politica e individual podem, no geral, offerecer as inscripções? Hão-de as inscripções qualificar-se segundo o seu assumpto, e em rasão dos factos, que memoram; e n'este supposto hão-de classificar-se em *historicas, scientificas, religiosas e funerarias?* Dar uma idéa abreviada de cada uma d'estas diversas classes d'inscripções. Em que se avantajam as inscripções a outras fontes e subsidios da historia? Em que materias, ou substancias são ellas escriptas ou lavradas?

5.º — Em quantos generos principaes se podem dividir os sellos portuguezes e qual é a data mais antiga do uso de cada um d'elles em documentos nacionaes? Qual era o nome e a forma do sello ou sellos, que entre nós substituiram os signaes publicos; em que logar dos documentos figuravam esses sellos e desde que data começaram a ser usados? Podem os ditos sellos ser alguma vez in-

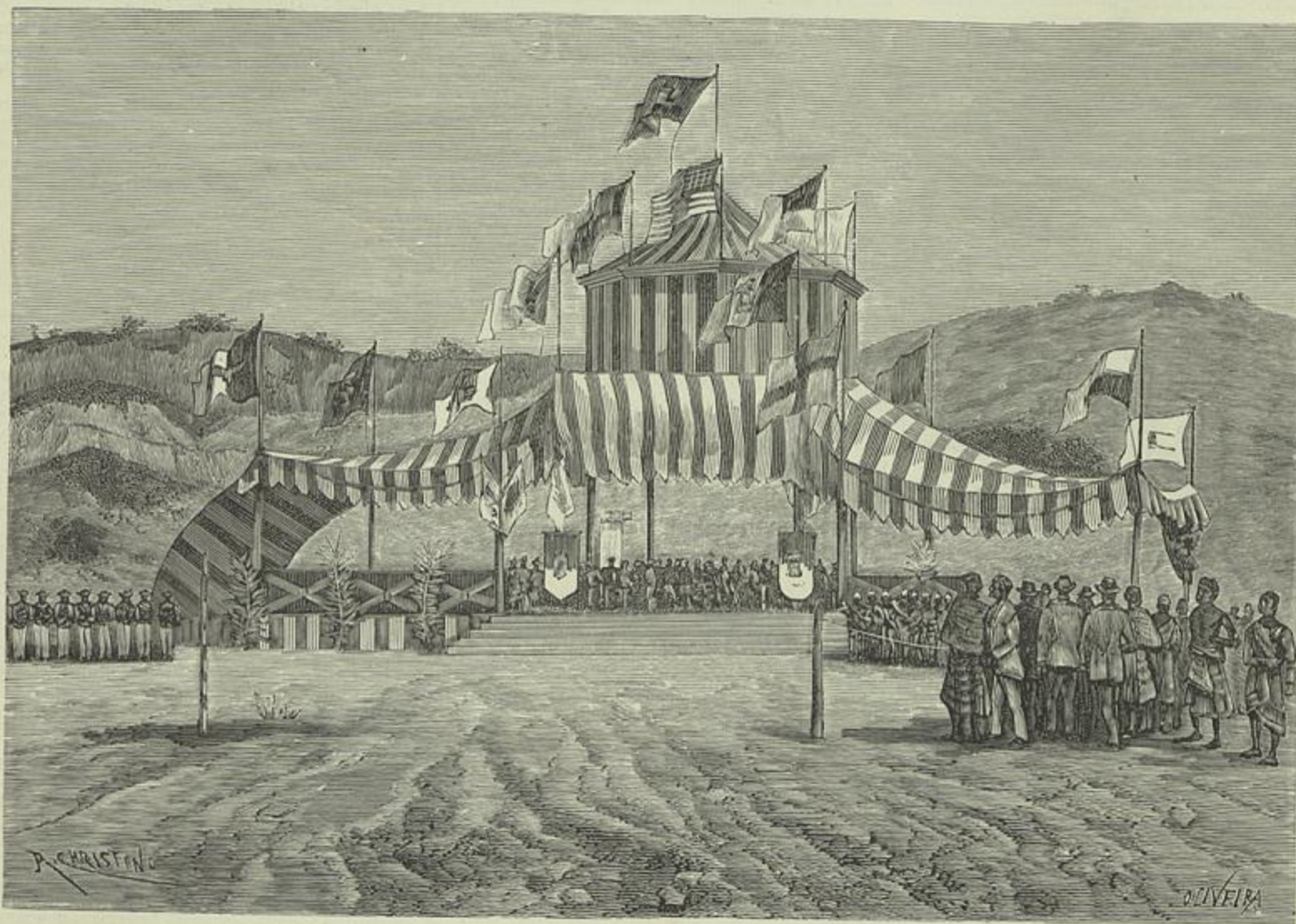
dicio de falsidade dos documentos? Ha em Portugal exemplo de serem tambem usados por pessoas particulares os sellos que substituiram os signaes publicos? Em que especie de letra eram escriptas as legendas d'esses sellos?

6.º — De que materias diversas são geralmente compostos os nossos sellos? De que epocha datam entre nós os sellos pendentes e de que especie de prisão pendiam esses sellos? Em que idioma é escripta a legenda dos sellos portuguezes tanto regios como particulares? Quaes são os caracteres das letras successivamente empregados nas legendas dos sellos, e qual é a pontuação d'estes? De que modo estão dispostas as legendas dos sellos?

7.º — Quaes tem sido os symbolos e ornatos representados nos sellos regios como nos particulares? Apontar exemplos de uns e outros, com respeito a Portugal. Que pessoas e corporações em Portugal teem feito uso dos sellos? O que são contra-sellos? A falta ou destruição dos sellos nos documentos antigos e modernos, vicía n'uns e n'outros, ou só vicía nos documentos antigos e authenticidade dos mesmos?

8.º — Em chronologia qual é a significação da palavra era? Em que se cifrava a era de Cesar? O que era o anno Juliano e como passou dos romanos para a sociedade christã. Durante a edade media e já depois da era christã se compoz de annos Julianos quaes foram as principaes variações na maneira de começar o anno e de contar a successão dos annos, segundo a era christã? Desde quando ou por que lei foi entre nós substituido o anno do nascimento á era de Cesar, e de que forma foi esta era reduzida áquelle anno? Desde essa substituição legal foi, ou não, constante em Portugal a computação pelo anno do nascimento?

9.º — Qual é o facto historico que deu occasião a estabelecer-se a data da hegira ou anno arabico e de quando é essa data? Os annos arabicos são solares ou lunares? São, ou não, distribuidos em cyclos; e de quantos annos consta cada cyclo? Como é que o cyclo se divide em duas series de annos e de quantos dias se compõem os annos de cada uma d'essas duas series? Quantos são os mezes de cada anno arabico, e de quantos dias se compõe o mez arabico? Que methodo se ha-de empregar para converter qualquer data da hegira em annos da era vulgar?

10.º — Em que epocha da nossa historia começou a separar-se e distinguir-se da gallega a lingua vulgar portugueza, e que circumstancias concorreram para essa separação? N'esse periodo, que idioma se empregou geralmente nos nossos documentos e monumentos? Encontra-se algum documento nosso em vulgar que seja anterior ao reinado de D. Affonso III? Desde que epocha principiou nomeadamente a apparecer alguns documentos nacionaes em lingua vulgar? Durante esse periodo que lingua se empregava nas legendas dos sellos, incripções, moedas e medalhas?

AFRICA PORTUGUEZA — Inauguração das obras do Caminho de ferro de Loanda a Ambaca (Segundo uma photographia enviada pelo sr. Mathias Lauer)

Estas as provas theoricas; agora, as provas praticas por que são tres por todas, constam: 1.º da classificação de quaesquer codices, com relação ao caracter da letra, tempo etc.; 2.º á transcripção de um documento em latim e outro em portuguez; qualquer d'elles tirados á sorte, d'entre os escolhidos pelo jury. Por aqui se rectifique uma expressão menos exacta que nos escapou no numero anterior d'este periodico.

Vale bem a pena tanto trabalho e estudo para taes estipendios.

Mas teem grandes honrarias, que entre nós, infelizmente não dão pão, se é qne muitas vezes o não tiram.

Por disposição de D. Manuel, ainda não revogada, os empregados da Torre do Tombo gozam de todas as honras, previlegios e preminencias de que gozavam os da Chancellaria-Mór do Reino; como esta acabou e acabaram os previlegios, resta-lhes apenas a consideração. Tambem por disposição, não sabemos, se do mesmo monarcha, renovada ou suscitada no tempo do marquez de Pombal, podiam chamar empregados do ministerio do Reino quando fossem precisos para auxiliar o serviço do archivo.

Tal era a consideração e importancia que se ligava ao estabelecimento e aos seus empregados.

O guarda-mór, logar sempre provido em pessoa provada principalmente nas letras, e sobretudo nos trabalhos historicos, ou em algum official-mór da casa real, goza das honras, privilegios e preminencias, d'este elevado cargo. Ha quem diga que isto nada vale; pode ser que assim seja, quando se constitua nova sociedade, por ora, na que existe, que temos obrigação de respeitar e seguir, vale o que marcam os competentes regulamentos. Pois apesar de tudo isso, foi necessario que uma questiuncula politica qualquer, movesse o governo a offender pessoalmente, o homem de letras mais eminente d'este seculo, para que o ordenado do guarda-mór fosse elevado.

Era em 1842. Os successos da epocha, e a feição que n'elles tomou Almeida Garrett, fizeram-o demittir dos cargos que tinha, e entre elles foram os de director do Conservatorio Drammatico e de chronista-mór do Reino. Aproveitando então o ensejo de evitar que o grande homem podesse ser reintegrado n'este ultimo cargo, o governo elevou o ordenado do guarda-mór da Torre do Tombo de 600$000 a 800$000 réis, dando como fundamento d'essa alteração: que achanda-se vago o logar de chronista, e convindo que esse cargo esteja annexo ao de guarda mór da Torre do Tombo, por ser n'esse archivo que se guardam os documentos mais importantes para se escrever a historia etc., resultando da supressão d'aquelle logar ainda uma economia de 400$000 réis para o estado.

Foi pois desde esse anno que o guarda-mór da Torre do Tombo começou a vencer o referido ordenado, ordenado vergonhoso hoje, que os simples primeiros officiaes de qualquer secretaria d'estado vencem 900$000 réis e mais.

Accresce a isso que o Archivo Nacional encerra hoje dez ou vinte vezes os livros e papeis, que n'elle se guardavam em 1823, que occupa hoje tres ou quatro corpos separados no edificio de S. Bento, havendo pois mister consumir muito

ESPECIMEN DA «EDIÇÃO MONUMENTAL DA BIBLIA»

PUBLICADA POR CARVALHO & PONS

A VARA DE ARÃO TRANSFORMADA EM COBRA

(Composição e desenho de Ernesto Condeixa)

tempo para se ir de umas e outras partes, e não obstante o trabalho aturado dos seus zellosos empregados não pode ainda haver indices perfeitos de tudo o que se tem recolhido, nem tão pouco se poderam reformar os antigos, defeituosissimos e incompletos. E pois de urgente necessidade não só melhorar ás condições economicas dos empregados do Archivo Nacional, como tambem augmentar o seu quadro.

Assim entendemos que alem do guarda mór, cujo ordenado deve regular de 1:400$000 a 1:800$; devem haver 1 official-maior com 1:200$000 ou 1:300$000, e 1 ajudante com 1:000$000 ou 1:100$; 4 primeiros officiaes diplomaticos com 960$000; 3 segundos com 800$000; 3 terceiros officiaes com 600$000 e 4 amanuenses com 480$000 réis, e os mais empregados menores necessarios.

Regulado assim o pessoal e seus ordenados, já o Archivo Nacional poderia estar aberto mais tempo, e já se poderia satisfazer a todas as exigencias do serviço e dos estudiosos. E tambem é conveniente elevar o tempo do curso de diplomatica a tres annos, como existe em França, para se poderem formar paleographos ou diplomaticos perfeitos, como são alguns que existem n'aquelle estabelecimento, que ainda receberam, como que o ecco das lições do grande mestre João Pedro Ribeiro.

Eis pois o estado em que se achava a organisação dos dois referidos estabelecimentos litterarios no tempo em que José Gomes Goes, concorreu ao logar de official da Bibliotheca Publica de Lisboa.

(Continúa) *Brito Rebello.*

DOM TAROUCA

(Continuação)

Cá fóra, um frigida aragem mordente aquietou-os, envolveu-os de chofre n'uma baforada mortificante de frio; e todo o bando arrepellado e tiritante levantou uma alaridosa gritaria, largando uns sem tardança a correr para as suas casas proximas, emquanto outros partiam apressadamente, com uma effusiva lamuria d'adeusinhos saudosos, a caminho dos distantes povoados em que moravam, e aonde já não chegariam antes d'anoitecer, porque a tarde ia adiantada, e o ceu baixo e nevento, embrumado de negrejantes nuvens condensadas, entenebrecia-a vagamente, n'um redobro de crepusculo. Mas os mais esturdios rapazes, sem cuidados nem receio da atmosphera trombuda, organisaram r pidamente uma descantada, a que se associou o Estevam folgasão, prompto sempre para choutear e espinotear a preceito, com uma chibante desenvoltura, todas as turbulentas dansas locaes; e foram-se n'um tropel de passos marcados, que communicavam á visinhança como que uma attrahente impressão de gaudio, atravez das viellas tortuosas e lodacentas, vozeirando alternadas cantigas ao som das violas zumbidoras e d'um garrulo cavaquinho. Que até, quando paráram no rocio, no meio d'um grande rancho pacifico de curiosos, o Calres da Sylvana achou ensejo conveniente para cantar um longo fado chorão, composto no proposito d'enxovalhar e envergonhar disfarçadamente, em cautelosos ataques hervados de pessimas rimas energicas, certo sóba montesinho que vingativamente o obrigava a marchar para a tropa. Estirando e repisando os versos desmantelados, a victima narrava o seu mal n'um apaixonado falsete, ululava n'uma ira percucientes affrontas mascaradas contra o seu perseguidor; e, dolorosamente, despedia-se da sua triste mãe, que deixava ao desamparo, do seu amado campinho sem braços para o cultivo, e dos conhecidos a eito, que lhe haviam de querer bem, e deplorariam caridosamente a sua sina desgraçada, durante a odiosa e malefica temporada em que elle penasse nas armas. E tão maguado e dolente era o seu queixume, que os camaradas, para o ouvir interessadamente, cessáram de saltar e d'estralejar as gralhas castanhêtas; só as violas ternas gemiam um acompanhamento ensurdecido; e toda a gente do sitio acorreu ás janellas e aos postigos, aos terreiros e ás portas, e assistia commovidamente áquelle desabafo melancolico e justiceiro, sensibilisando-se agora com a requebrada carpideira de Calres, outra vez sorrindo agradadamente com as certeiras allusões desfechadas ao tyrano.

Terminado este episodio imprevisto, commentado interminavelmente, encarecido, e louvado pela bisbilhoteira turba que o presenciou, a rapaziada reanimou-se, e descantando n'um berrado sepalhafato lançou-se pelos carreiros além, para percorrer os logares todos da freguezia, e provar, por uma parte e por outra, a vinhaça avariada das vendas. O Estevam foi andando tambem, levado na sucia barulhosa; mas quando se cerrou a noite, soturna e livida, pensou no leito paradisiaco, que o esperava, e voltou precipitadamente para casa, um pouco extenuado e esbaforido, mas delirante d'um antegoso de prazer. Como se esquivára furtivamente, sem os parceiros darem fé, vinha sósinho, lampeiro e contente, meio estonteado de fadiga e pela sarabanda de sonhos lascivos, que lhe rodopiavam em vertigem no azoado cerebro; e cada vez avançava mais celeroso, fugindo á friagem molhada do ar, que imperceptivelmente lhe orvalhava as faces afogueadas, e aos alvadios flocos de neve, semelhantes a migalhas de luar, corporeas e palpaveis, que começavam a riscar a escuridade lobrega descendo em mudos vôos cadentes, ou torvelinhando por instantes, como indistinctas borboletas brancas colhidas n'uma lufada inimiga de vento. Ao passar no recanto da Azenha, recamado de treva, percebeu um subita rustilhada, da banda de cima do socalco, ao modo d'alguem que calcasse folhagens remexidas e arredasse ramos com geito; e de repente, um terrivel estrondo atordoou-o medonhamente, invadiu-o um cheiro quente de polvora, e uma agitada nevoa tapou-lhe a vista. O Estevam recuou, d'instincto, cambaleou, tomado d'um espanto bestificante; mas quasi ao mesmo tempo, um vulto se abeirou d'elle, um vulto de homem esgrouviado e secco, com olhos faiscantes de gato bravo na cara chupada e rapada, d'uma côr de couro sujo. Aparvalhado, não recomposto ainda do seu sobresalto espavorido, o noivo da Delfina reconheceu um teso veterano da quadrilha do Zé do Telhado, muito celebre e acatado, vagabundo executor d'embuscadas, tragicas esperas, e assaltos por conta de quem o assoldadava, e pedreiro contractado por temor, onde quer que houvesse obra, nas criticas occasiões de miseria, em que a fome o compellia ao fingido trabalho; segurava a sua espingarda fumegante n'uma mão, e pondo a outra amigavelmente sobre o hombro do arripiado Estevam, embaçado com aquella familiaridade estranhavel, explicou-se:

— O qu'eu lh'aconselho a vossê, é que nun dê pio a respeito de mim. Poupei-lhe a vida porque quiz, porque támem albez me dá cá a maluqueira de ser senhor da minha vontade, e nun entendo que uma qualquer pessúa, no brio da sua mocidade, mereça uma bala no corpo, lá por se ter adevertido c'oas raparigas, que bem sabem o que fazem. Podia matal-o ahi á queima roupa, que nem o diabo me descobria; porém a esta hora já o patrão, que me pagou, ouviu o tiro, e é quanto me bonda. Sirva-lhe isto d'aviso, e té mais vêr, santas noites!

E o velho bandoleiro, transpondo o sylvado embaraçador, saltou rijamente para um campo, e desappareceu veloz pelas escadeadas belgas abaixo. Ninguem se alarmára com o tiro echoante, na aldeia afeita ás frequentes descargas nocturnas dos caseiros e guardadores das quintas. O Estevam, taciturno e calado, pôde recolher-se a salvo das curiosidades transtornadoras. A revelação do bom facinora independente allumiou d'um clarão bemfazejo a sua consciencia; e sem pena das desesperadas moçoilas, cuja deshonra era agora irremediavel, sentia crescer em si uma raiva feroz contra o desconhecido pae rancoroso, que planeára velhacamente a sua morte. Ah! que luctassem peito a peito, pela frente e sem manhas, que elle tinha culada para os esfrangalhar, a todos! Comtudo, foi indizivelmente tranzido d'um resto de terror, que o macho extravagante d'outr'ora tornou mulher a sua fremente prima.

Cousa d'uma semana depois, os casadinhos vieram para o Moinho Novo, onde assentaram a sua installação definitiva. D'accordo com o pae, a quem contou como estivera para ser espingardeado traiçoeiramente, o Estevam resolvera sahir da sua companhia, e mudar-se, ausentar-se; pois que, distanciando-se elle prudentemente do centro dos seus devassos estragos, deixando atraz de si as serviçaes muralhas de tres montanhas, isoladôras e resguardantes, as inimizades referventes que creára, manifestas umas, outras retrahidas, todas perigosas, adormeceriam com a ajuda do providencial esquecimento, e talvez mesmo bem cedo se extinguissem rasamente. Demais, o velho moleiro apregoou aos quatro ventos, em alto e desenganado som, que ainda possuia no escaninho da sua arca um par de moedas boas, para fazer expedir por uma barra fóra qualquer tratante, por maior que fosse a sua prôa malvada, que tocasse com mão assassina no seu filho, ou o arcabuzasse á falsa fé, nos covardes ataques preparados nas sombras da noite e nos massiços propicios das mattas.

Então, socegadamente, a Delfina e o Estevam viveram a sua felicidade no pequeno valle hospitaleiro do Bestança, cujas fortes aguas encachoadas forneciam com fartura a açuda do moinho construido de fresco, pousado nas fragas, pittoresco e quadrado, com as suas solidas paredes de pedra pardacenta, cobertas da mancha vermelhenta e bicuda do telhado. Acclimáram-se depressa e sem esforço; e os dois mostráram-se tão dados, que se relacionáram facilmente, entráram na sympathia acolhedôra das gentes da localidade, favorecidos pelo prestigio indefinivel que trazem comsigo os individuos transplantados de terra estranha, se não abalrôam esquerdamente com os costumes e interesses estabelecidos. E ali viram expirar o inverno, a cruel temporada em que as arvores descarnadas, sem a vestidura envolvente das suas folhas, abanavam as delgadas ramarias nuas, fustigadas n'uma tortura pelas ventanias geladas que sopravam dos cumes, encanecidos de neves scintillantes, emquanto que a terra amanhada se atapetava risonhamente de nascentes cearas e relvas mais verdes que as esmeraldas; e decorrer a primavera impregnada das fragrancias capitosas do renôvo, espalhando nos ares as suas virginaes florações côr de rosa e de jasmim; e chegar o verão luminoso, com a gloria do sol verberante e abrazador. Que encanto, a epocha estival em que a garganta estreita e profunda, comparavel a um bêcco entre os elevados montes, e desembocada para o desfiladeiro grandioso do rio Douro, ostentava o aspecto d'um bucolico e fôfo corredôr de verdura. D'uma banda e d'outra, metade das encostas aprumadas escondia-se debaixo dos bastos milhos, planturosamente desenvolvidos, que reluziam á luz em fulgurações laminadas, com as suas vicejantes e largas fitas arqueadas como azas de cantaro; a intervallos, perfilavam-se os esguios castanheiros, os olmeiros, e os lodãos ramudos e calçudos de folhagem, abraçados pelas vides trepadeiras; algum casal caiado punha na paizagem um salpico alvejante, — que lembrava um ovo depositado entre as frondes; e, pelo alto, agglomeravam-se os copados carvalhos, os innumeraveis pinheiros verdenegros, e os sobreiros de troncos avinhados e tortos; ou desdobrava-se, raramente, um dorso de charneca arida, enfeitado pelos tojos e rosmaninhos florentes. O soberano silencio da solidão era impossivel, por lá; havia por toda a parte susurros continuos d'aguas de regar, invisivelmente despenhadas e encarreiradas; os melros assobiavam pelas choceiras umbrosas; e canções prolongadas de jornaleiros misturavam-se aos chilreios da passarada, e aos longinquos clarins dos gallos. Entretanto, ao fundo, o ribeiro derivava sereno, limoso e verdoengo, ou rugia n'uma colera sem fim, cortado de quedas escumantes; por sitios, dividia-se em magros regatos murmurantes, e formava exiguas ilhotas, povoadas d'amieiros gigantescos, sob os quaes ficariam bem, pelas tardes tranquillas, gorduchas figuras d'abbades ensotainados, que conciliassem o somno descansado da sésta lendo pachorrentamente pedaços de georgicas virgilianas. E n'essa decoração d'idylio, avultava de vez em quando um ruido telintoso de chocalhos, cadenciado pelas alimarias carregadas de saccos, que se encaminhavam para o moinho, ou de lá voltavam, escorregando pelas ingremes veredas pedregosas; porque o Estevam ganhára créditos de moleiro escrupuloso, sabendo satisfazer-se com as honradas maquias legitimas, os recompensadores freguezes affluiam, e o trabalho era tanto, que a Delfina labutava dias inteiros como o seu homem, afadigosa e dedicada, accumulando polvilhamentos de farinha nos louros cabellos mal penteados, e pensando afincadamente nos lucros, com um encarniçamento avido de socia.

Tambem, não se passava romaria ou festança algures, nas cercanias, onde com as luxuosas roupas do seu casamento, carinhosamente guardadas, elles não apparecessem ambos para espairecer e folgar.

(Continúa) *Monteiro Ramalho.*

LEITE BASTOS

(Continuado do n.º 287)

O feitio de Leite Bastos porém era pouco de molde para a burocracia, e d'alli a pouco tempo mandou ao demonio o quartel de marinheiros e voltou á sua querida vida airada.

As seducções que de ha muito o theatro exercia sobre elle começaram por esse tempo a juntar-se ás seducções das actrizes.

Namorado assim da arte e das comicas o Leite

Bastos encarreirou para o theatro, depois de ter feito os seus *debutes* litterarios, *debutes* sem importancia alguma e em que não transparecia inteiramente nada da sua original individualidade litteraria, que mais tarde se havia de accentuar tão poderosamente.

Foram n'uns pequenos semanarios insignificantes que o nome de Leite Bastos appareceu pela primeira vez em letra redonda, firmando umas chronicas d'uma banalidade atroz, que tão brilhantemente desmentio depois, e uns versos muito piegas, intitulados *A uma donzella*, que Leite Bastos recitava pelas salas das familias das suas relações, em dias de annos, com acompanhamento do *Carnaval de Veneza*.

Ouvimol-o tantas vezes recitar esses versos com grande applauso d'essas *soirées* burguezas, que elle mais tarde flagellou tanto com a sua *verve* caustica, que ainda nos lembramos apesar dos vinte e tantos annos que já lá vão, das primeiras estrophes.

São assim, e damol-as a titulo de curiosidade, porque ninguem as conhece hoje com certeza e porque no fim de tudo foram ellas a verdadeira estreia litteraria d'esse originalissimo e poderoso talento.

Onde vaes linda donzella
Buscar sempre a solidão
Que terno pesar occultas
No singelo coração?

Não terás fiel amiga
Que suavise o teu soffrer
Para que buscas desenganos
N'uma vida a florescer?

Não respondes e descoram
Tuas faces de carmim
Pudor de candida donzella
Te induz a fugir de mim.

Como vêem n'esta amostra de primeira poesia e cremos que unica, de Leite Bastos ha todos os matadores da poesia piegas d'esse tempo: — a *linda donzella*, a *solidão*, o *terno pezar*, a *vida a florescer*, as *faces de carmim*, a *candida donzella*, etc.

Não faltava nada a esses versos para serem detestaveis, até a recitação ao piano!

E apesar d'isso, ou por isso mesmo talvez, esses versos eram applaudidos, faziam *successo* nas salas burguezas e esses applausos os primeiros que Leite Bastos ouviu foram os percursores dos applausos do publico, que por tanto tempo o haviam de acompanhar na sua carreira litteraria.

Foi no theatro das Variedades, n'esse theatro que já lá vae, que Leite Bastos fez a sua estreia dramatica com uma peça em tres actos, um drama á antiga, cheio de *tiradas* rhetoricas e intitulado *Glorias do trabalho*. Dentro do seu genero a peça era bem feita, e nas *tiradas* havia muita *mão calosa do operario* mas tambem bocadinhos de verdadeiro talento.

Essa noite foi uma noite de verdadeira alegria para Leite Bastos, e o titulo da peça podia apropriar-se perfeitamente a esse seu primeiro *successo*, a essa sua primeira gloria.

Leite Bastos tinha o estofo d'um auctor dramatico, mas o seu espirito muito voluvel, sobre tudo nos primeiros tempos da sua vida não lhe permittia o fixar-se muito tempo na mesma coisa.

Trabalhou para o theatro com enthusiasmo ao principio, mas deixou-se d'isso depressa.

As suas peças são poucas, apparecem a largos intervallos e obteem pouco *successo*.

As *Glorias do trabalho* e os *Trapeiros de Lisboa*, representados no theatro do Principe Real, foram as que mais agradaram: Leite Bastos negou-se a acompanhar a evolução theatral, conservou-se fiel aos moldes antigos e como o *successo* lhe não sorria, não luctou — desistio.

Entretanto por esse tempo, Leite Bastos attingira a maioridade e recebia a pequena herança de seu pae.

Eram dois contos e tanto.

A sua vida bohemia, aventurosa, phantastica, americana, reapparece então em grande.

Sabem o que Leite Bastos fez com esse dinheiro? Montou um escriptorio magnifico na rua das Farinhas, um escriptorio para a empreza litteraria que então creára sob o titulo de *Bibliotheca nacional*.

Esta *Bibliotheca nacional*, consistia n'uns pequenos fasciculos de 16 paginas, que se distribuiam semanalmente, por assignatura, contendo contos originaes, biographias, etc.

Para pôr na rua essa empreza Leite Bastos organisou um pessoal enorme com ordenados importantes, uma verdadeira secretaria de Estado de que elle era o director geral.

A *Bibliotheca* começou a sahir, mas os dois contos e tanto sahiram ainda mais depressa e dentro em pouco Leite Bastos fechava o escriptorio, acabava a publicação e voltava á vida antiga.

D'alli a muito pouco tempo, sua mãe a sr.ª D. Maria Fortunata Bastos morreu no recolhimento de S. Christovão para onde se retirára havia muito.

Leite Bastos recebeu então a legitima materna e escaldado das emprezas litterarias empregou esse dinheiro em varias emprezas de genero differente, mas não mais felizes.

Uma d'essas emprezas foi um prego.

Leite Bastos, foi agiota, é verdade, mas foi agiota d'uma maneira muito original, e muito digna d'elle

Toda a gente que lhe apparecia a pedir dinheiro sobre penhor, fazia-lhe uma choradeira qualquer e Leite Bastos emprestava-lhe tres ou quatro vezes o valor do penhor.

A coisa espalhou-se e o seu *prego* foi dos mais frequentados; tão frequentado que dentro de poucas semanas Leite Bastos fechou a porta porque não tinha mais dinheiro para emprestar, e porque os valores que tinha penhorados em casa não valiam um real.

Outro negocio d'elle foram carroças para carga.

De Leite Bastos póde-se dizer com verdade que não foi rico, sim, mais teve *carros ao fanico*.

Estão já d'aqui vendo o resultado d'este negocio: foi exactamente o mesmo que o de todos os outros e Leite Bastos não teve outro remedio senão perceber que apesar de não prestar para nada a litteratura era ainda assim para elle o melhor negocio e entregou se resolutamente, persistentemente aos trabalhos litterarios que nunca deixára de todo, que eram a sua vocação, mas que puzera de parte para se lançar na vida pratica dos negocios.

E Leite Bastos tinha então já encargos serios de vida: casára com a sr.ª D. Amelia Vidal que durante onze annos requestára, e que foi a companheira de toda a sua vida, com quem se achou nas suas horas de alegria e de tristeza, de miseria, de doença, de agonia e de morte!

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

RESENHA NOTICIOSA

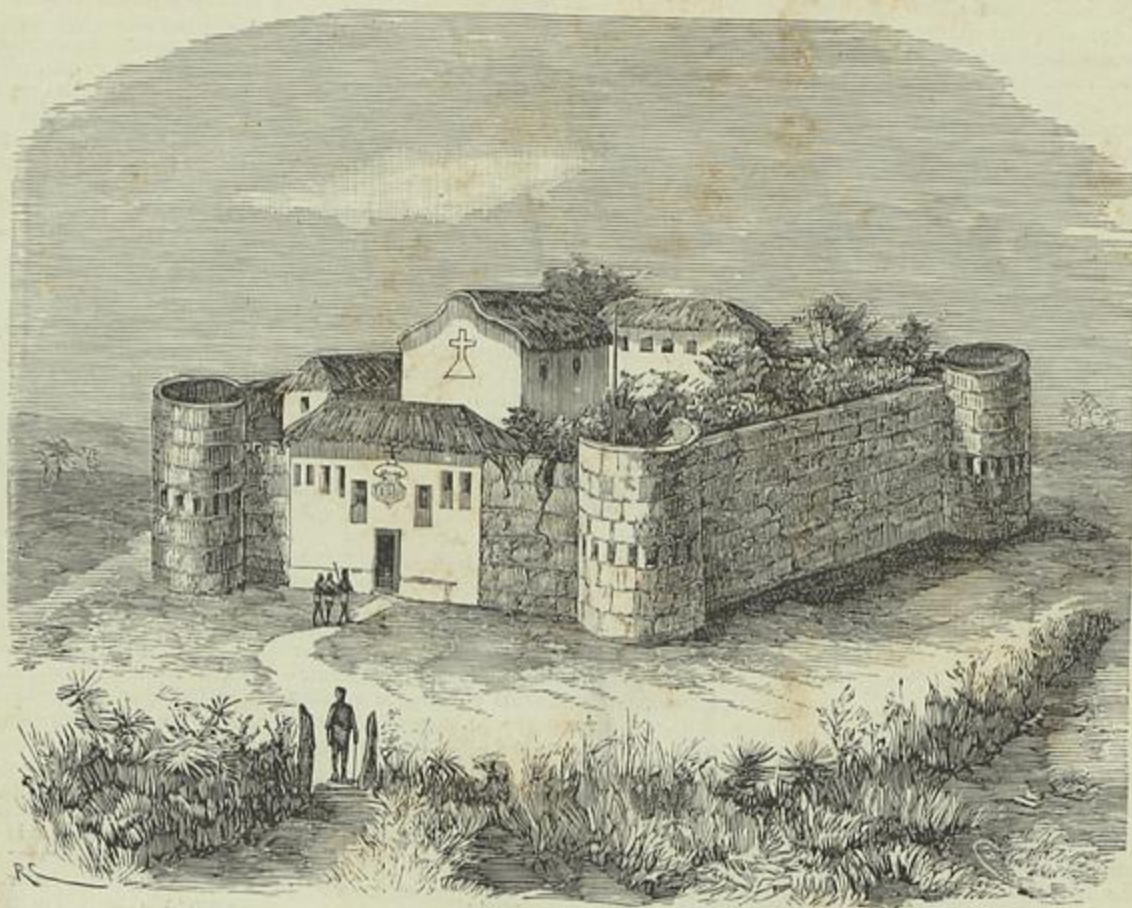
Conferencia dos exploradores Serpa Pinto e Cardoso. A Sociedade de Geographia de Lisboa celebrou na noite de 13 do corrente uma sessão solemne no theatro de S. Carlos, para a recepção official e conferencia dos exploradores portuguezes Serpa Pinto e Cardoso ácerca da sua viagem em Africa do Ibo ao lago Nhassa. Presidiu á sessão, em nome de sua magestade el-rei D. Luiz, que estava presente assim como sua magestade a rainha D. Maria Pia e suas altezas os infantes D. Affonso e D. Augusto, o sr. Barros Gomes, ministro dos estrangeiros, em substituição do sr. Henrique de Macedo, ministro da marinha, que não poude comparecer por incommodo de saude. Á direita do sr. Barros Gomes estava o sr Antonio Augusto de Aguiar, presidente da Sociedade de Geographia e os srs. Luciano Cordeiro e Patrone occupavam os seus respectivos logares de secretarios, constituida assim a meza da presidencia. A' direita d'esta meza estava a dos conferentes por detraz da qual se desenrolava a bandeira da Sociedade de Geographia. O aspecto da sala, formada pelo palco e plateia do theatro em um só plano, era brilhante e em nada inferior ao que apresentou na conferencia de Capello e Ivens. Ás 8 horas e meia o sr. Barros Gomes abriu a sessão em nome de el-rei, e discursou elequentemente sobre as descobertas dos portuguezes e o seu valor como povo civilisador, que depois de ter estabelecido o imperio da India, estabeleceu o imperio do Brazil e agora tinha as suas attenções em Africa onde continuava a sua obra de civilisação, para o que lhe não faltavam filhos dedicados e valorosos como os que tinha a honra de apresentar n'aquella sessão, o explorador Serpa Pinto, já experimentado n'outras viagens e o explorador Augusto Cardoso, um guarda marinha tão valente quanto joven, que iniciava a sua primeira viagem atravez dos sertões de Africa de forma tão notavel e util. Em seguida a este discurso, que foi muito applaudido, teve a palavra o explorador Serpa Pinto que descreveu como teve origem esta sua viagem, a maneira como organisou a expedição e como tomou conhecimento com o seu companheiro Cardoso e as peripecias occorridas desde a partida de Moçambique até ao Medo, onde teve que deixar a expedição e voltar ao Ibo por causa do mau estado da sua saude lhe não permittir ir mais adiante, seguindo a expedição o guarda marinha Cardoso a quem elle deu as instrucções necessarias. Contou como depois o foi encontrar de volta no caminho de Quilimane e da occasião que teve de conhecer como os missionarios escocezes se desempenham da sua missão, que deixa tudo a desejar sob o ponto de vista humanitario e civilisador, referindo mais que estas missões são ainda um grande agente da escravatura que os inglezes fazem em larga escala, não obstante accusarem os outros de a fazerem, muito principalmente os portuguezes. N'este ponto Serpa Pinto verberou vigorosamente estas accusações e demonstrou com argumentos frisantes a injustiça d'ellas, que todos os dias os estrangeiros nos assacam, quando em verdade são elles os verdadeiros negreiros que escapam a toda a vigilancia das auctoridades portuguezas. Terminou por apresentar umas algemas de ferro com que os inglezes acorrentam os escravos, e que foram apprehendidas na alfandega de Quilimane. A Serpa Pinto seguiu se Augusto Cardoso, que leu um conciso relatorio da sua viagem, tão vigoroso na phrase quanto modesto no proprio elogio, calando porventura grande parte dos perigos e trabalhos que o acompanharam n'aquella viagem, desde que largou a companhia de Serpa Pinto, no Medo, até que o tornou a encontrar na sua chegada a Quilimane. O sr. Aguiar terminou a sessão com um inspirado discurso, pondo em relevo os serviços prestados pelos dois exploradores e a maneira festiva como eram recebidos pela Sociedade de Geographia, justa interprete dos sentimentos do povo portuguez, que se achava alli representado desde o rei até ás classes menos graduadas, e que todos prestavam a sua admiração e o seu applauso aos dois benemeritos portuguezes que tão gloriosamente continuavam as honrosas tradições de outras eras. E, convidando os exploradores a irem á tribuna real receberem das mãos de el-rei as medalhas que lhes eram destinadas, assim concluiu a sessão entre os applausos dos espectadores. El-rei D. Luiz entregou a Serpa Pinto as medalhas da Sociedade de Geographia de Lisboa e Associação Commercial, e condecorou-o com a Torre e Espada, conferindo a Augusto Cardoso a commenda de S. Thiago. Mais de espaço o Occidente se occupará d'estes exploradores e da sua viagem.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos.

Os filhos do capitão Grant, segunda parte *Australia meridional*, por Julio Verne, traducção de Cunha e Sá, David Corazzi, editor, Lisboa, 1886. E' este o ultimo volume publicado da grande edição popular das Viagens Maravilhosas aos Mundos conhecidos e desconhecidos, que tão grande exito tem alcançado no nosso publico.

Catalogo illustrado da 6.ª exposição da arte moderna, publicado por Alberto de Oliveira, Typographia de Adolpho, Modesto & C.ª, Lisboa, 1886. Conforme os annos anteriores o sr. Alberto de Oliveira publica este anno o catalogo da exposição de quadros e esculptura do festejado *grupo do Leão*. E' primoroso este catalogo pelos *croquis* de alguns quadros, que figuram na exposição, feitos pelos autores dos mesmos quadros. O catalogo dá relação de 126 quadros e 5 esculpturas, havendo este anno mais seis expositores novos que são: a sr.ª D. A. C. M. Greno e os srs. Greno, Reis, Bastos, Duarte e Condeixa, este ultimo chegado ha pouco de Paris onde completou os seus estudos. O sr. Alberto de Oliveira é digno de todo o louvor pelo bello catalogo que apresenta, e que completa a brilhante exposição que Lisboa admira com applauso.

Memorias de Tolentino, pelo visconde de Sanches de Baena, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc., livraria de Antonio Maria Pereira, editor, Lisboa, 1886. N'este opusculo de 100 paginas que o sr. visconde de Sanches de Baena dedica á Academia Real das Sciencias, faz-se grande luz sobre a vida do poeta Nicolau Tolentino d'Almeida revelando factos e documentos até ao presente ignorados. O trabalho mais completo que até hoje havia com respeito ao poeta era o estudo feito por José de Torres, na ultima edição das poesias de Tolentino dada á estampa com illustrações de Nogueira da Silva, pela firma Castro Irmão & C.ª, em 1861. As memorias agora publicadas demonstram muitas das inexactidões que então passaram n'aquelle estudo e restabelecem a verdade em muitos pontos errados ou ignorados. O sr. visconde de Sanches de Baena com uma paciencia e presistencia de verdadeiro investigador, conseguiu encontrar e reunir documentos importantes, e sobre elles baseou a sua escripta que se não é a ultima palavra sobre o assumpto, porque em questões d'esta natureza nunca se póde avançar esta affirmativa é com certeza um trabalho muito completo, e que, como dissemos, faz grande luz sobre a vida do poeta, destruindo muitos erros que passavam em julgado.

AFRICA PORTUGUEZA — Forte de S. João Baptista de Ajudá
(Segundo um desenho do tenente de marinha, sr. C. Valsassina)

Boletim do Sociedade de Geographia de Lisboa, *fundada em 1875. — Lisboa, Imprensa Nacional, 1886.* Comprehende este fasciculo dois trabalhos interessantes: intitula-se o 1.º, *Districto de Cabo Delgado,* communicação á Sociedade de Geographia de Lisboa, pelo major Perry da Camara, no qual se dá uma noticia completa do referido districto, suas relações com os povos proximos, costumes, usos d'elles, etc., algumas indicações sobre a expedição *Pinheiro Chagas,* dirigida por Serpa Pinto e Augusto Cardoso, que attrahiu a attenção do publico intelligente, uma planta da villa do Ibo e muitos documentos relativos a estes assumptos. Segue-se uma *Relação dos bispos de Macau,* pelo sr. Gabriel Fernandes, desde o primeiro D. Melchior, ou Belchior Miguel Carneiro, até o actual D. Antonio Joaquim de Medeiros, encerrando noticias curiosas e interessantes.

Elementos para a historia do Municipio de Lisboa, por Eduardo Freire de Oliveira. Temos presente as folhas 10 a 15 os quaes encerram documentos tão variados e de tanta importancia para a historia, nomeadamente do periodo do governo intruso dos Filippes, que fôra reproduzil-os, cital-os todos. Notamos especialmente a carta da Camara de Lisboa de 18 de maio de 1601, quando vieram á capital tres ministros de Castella entender nos negocios da fazenda e coutos; a nota 4 a fl. 146 que encerra as despezas com as festas pelo nascimento do principe; o alvará de 13 de novembro de 1606 e a extensa nota que se lhe refere, com os autos do feito que os doze homens da Camara intentaram por causa da vestiaria que lhes não haviam dado; a Carta Regia de 10 de março de 1609, e a sua nota relativa aos paços da Ribeira e outras residencias reaes; outra nota (2) a pag. 195, relativa á vinda de Filippe II (3.º de Hespanha) a Lisboa e as cartas das diversas camaras do paiz, relativas a essa vinda que vão de pag. 188 em diante, não esquecendo a algumas, dando aquiesciencia ao convicte da de Lisboa, de lembrarem quanto desejam aquella vinda, por esperarem seja o povo alliviado de certos impostos gravassos, como muito expressamente diz a de Setubal. Esta collecção de documentos, referentes ao tempo da usurpação Filippina, ficará sendo um manancial poderoso para a historia politica e economica d'aquelle tempo, porque a Camara Municipal de Lisboa, muito ao contrario da errada comprehensão de alguns estadistas do tempo presente, representava o primeiro papel em todos os assumptos do reino.

AVISO

Com este numero do Occidente é distribuido gratis a todos os srs. assignantes e correspondentes um supplemento **Os Campinos,** quadro de Silva Porto.

Avulso regulam as condições estabelecidas para os supplementos anteriores.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Eis-nos chegados ao termo do nono volume do Occidente e nono anno da sua existencia, e esta já longa peregrinação não se tem feito sem grande lucta, apesar das grandes sympathias que o Occidente tem sempre merecido, sympathias traduzidas no favor publico que sempre o tem acompanhado.

A Empreza tem procurado corresponder a essas sympathias e a esse favor, conservando o Occidente á altura das melhores publicações estrangeiras d'este genero, para o que não tem poupado os maiores sacrificios.

Por bem empregados, porém, dá esses sacrificios, pelo desenvolvimento que tem conseguido dar ás artes de desenho e de gravura em Portugal, e pelo muito que tem animado a litteratura nacional, evitando as traducções e dando em seu logar originaes dos mais reputados auctores portuguezes.

N'uma palavra, o Occidente tem sido, a par de uma verdadeira illustração, uma publicação genuinamente nacional, desataviada de ouropeis estranhos, ostentando modestamente todo o valor da idéa que presidiu á sua fundação — o representar uma força productora do paiz n'um dado momento, e fazel-a progredir e brilhar á luz publica pelo seu proprio esforço e valor.

Isto, releve-se-nos a imodestia, é mais que uma especulação mercantil, é um serviço nacional.

Dentro da senda traçada ha nove annos proseguiremos no nosso caminho, agradecendo reconhecidos a todos quantos nos tem auxiliado n'este espinhoso, mas grato emprehendimento.

A Empreza.

Typ. Elzeviriana — R. do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.

Supplemento ao n.º 288 do «Occidente»

21 DE DEZEMBRO DE 1886

BELLAS-ARTES

OS CAMPINOS

Quadro de Silva Porto, adquirido por Sua Magestade El-rei D. Luiz

Desenho do mesmo auctor — Gravura de Heitor & Lallemant